

≡▲▼
**CURADOR
VISITANTE**

**Marta
Mestre**

Ministério da Cultura, Itaú, Governo do Rio de Janeiro,
Secretaria de Estado de Cultura, Escola de Artes Visuais do Parque Lage
apresentam [present]

Agora somos mais de mil

21 de maio – 26 de junho de 2016

Now we are more than a thousand
May 21 – June 26, 2016

Alexandre Colchete▲
Ana Emerich▲
Ana Matheus Abbade▲
Anitta Boa Vida▲
Anna Bella Geiger
Arto Lindsay
Artur Barrio
Bernardo Ortiz
Bia Martins▲ e [and] Jeferson Andrade
Carolina Cordeiro
Celeida Tostes
Chris Burden
Daniel Jablonski
Domingos da Criação
Ducha
Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu
Fábio Tremonte
Glauber Rocha
Helio Eichbauer
Hélio Oiticica
Ícaro Lira
Jandir Jr.▲
Joelson Bugila▲
Jorge Menna Barreto
Katie van Scherpenberg
Leandra Espírito Santo▲
María Sabato▲
Paulo Paes
Pedro França
Ricardo Basbaum
Rodrigo Alcon Quintanilha▲
Traplev
Umberto Costa Barros
Victor Monteiro▲
Yan Braz▲

CURADOR ASSISTENTE ASSISTANT CURATOR: **Ulisses Carrilho**▲
▲ estudantes [students] EAV Parque Lage



Conversa entre **Lisette Lagnado**, diretora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e **Marta Mestre**, quinta convidada do programa Curador Visitante

≡▲▼

Lisette Lagnado: No livro *O que é uma escola livre?*, organizado para os 40 anos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, você afirma: “Não é somente uma ‘escola’ e também não é exclusivamente ‘de arte’. É um espaço público que produz gestos coletivos, que explora intensamente os sentidos da palavra ‘livre’: transportável, adaptável, questionável, partilhável.” (p. 42). Gostaria de aprofundar essa resposta. Você valoriza a liberdade e o sentido coletivo, mas relativiza tanto o papel do ensino como o entendimento de uma arte pura. Ou melhor: você parece não acreditar em escolas de arte. Em que medida o projeto de curadoria que você apresenta reflete essa posição crítica?

Marta Mestre: Tunga, na aula inaugural do EAVerão 2015, disse algo como: “o trabalho carrega em si uma indicação de que a partir da radicalidade de uma experiência é que se constrói uma poética”. Tunga não se referia nem ao ensino nem a uma metodologia mas a uma tradição formativa da arte brasileira a partir dos anos 1960, que é a do artista “propositor” de experiências. Estou totalmente de acordo com essa ideia de “aprendizagem”, e olhando a história da arte somos capazes de identificar vários artistas e momentos. Esse tópico me interessa também, porque vejo aqui a possibilidade de pensarmos a finalidade artística para além do objeto, e essa questão norteou a pesquisa da exposição.

Uma escola de arte que se queira propositiva deve explorar intensamente os sentidos do experimental, o que para alguns vem a ser radical e para outros nem tanto. E deve, ainda, cuidar da passagem da experiência ao campo da poética e da linguagem, mais do que criar protocolos e grades de ensino que ilustrem as agendas do mundo contemporâneo. Por isso entendo o papel do curador em uma escola de arte como uma possibilidade de agregar novos pontos de vista de outras esferas do circuito de arte à experiência dos alunos, e à própria dinâmica da escola, vivenciando e antecipando “problemas” e “desafios” que irão surgir mais adiante.

Quando começamos a pensar a exposição “Agora somos mais de mil” sentiu-se a necessidade de problematizar a curadoria e a educação a partir do contexto de uma escola de arte, o que é muito diferente de um museu, de uma bienal, ou de uma galeria. Por ser imaginado para uma escola de artes, uma das perguntas que este projeto tenta colocar refere-se à finalidade das nossas ações: como pensar o ser humano desidentificado da produção? É uma pergunta posta pela filosofia (Heidegger, Marx, entre outros), e que no caso da arte pode ser formulada da seguinte maneira: como pensar uma arte não orientada para a produção de objetos?

A exposição é o resultado de uma observação e uma escuta de muito tempo junto de alguns artistas e colegas de profissão, que saíram reforçadas nas trocas com os estudantes do Parque Lage. Depois de verificarmos uma alternância, a partir dos anos 1970, entre práticas de crítica institucional e a institucionalização de um grupo de artistas, tenho sentido por parte dos artistas um crescente “desinteresse pelas estruturas”, no sentido explicitado por Hélio Oiticica em *Crelazer* (1969). A leitura desse texto tão atual permitiu-me entender, com a produção de artistas mais jovens, o abandono da ideia de “autor” e “identidade”, não no sentido formalista, mas na exigência de não acrescentar nada ao que já existe. Definitivamente, a experiência radical de construção poética não passa mais pela investigação dos escombros do modernismo.

≡▲▼

...não me interessa, no movimento de olhar o passado, um “acerto de contas” da história, mas sim procurar gestos e imagens que se solidarizam.

≡▲▼

≡▲▼

LL: Sim, mas Oiticica escreve esse texto em outro contexto, quando a arte não havia alcançado o grau de “comodificação” do capitalismo especulativo–financeiro que se acirrou nos anos 1990. Quando menciona “estruturas”, estava se opondo ainda às categorias estéticas. E “desinteresse” indica uma falta, ou certa *nonchalance*, quando me parece que hoje a bandeira é justamente concentrar esforços para repropar uma arte que não se deixe instrumentalizar. Como fazer com que a ideia de uma participação artística ativa nas transformações sociais não soe ingenuidade estudantil?

MM: Quando vemos algumas bandeiras de artistas nos anos 1960 e 70 e quando penso no delicado momento atual, registro dois exemplos que me fizeram pensar em possíveis transformações sociais. Gosto muito de olhar para a arte mas muitas vezes ando a olhar para os lados. O primeiro exemplo é o movimento “artes visuais pela democracia” que se iniciou nas redes e que teve desdobramentos em ações concretas nas ruas. Trata-se de um grupo bastante heterogêneo, criado no intuito de articular um ato em defesa dos direitos expressos na constituição federal pela democracia, e dele resultou, entre outras, uma produção de cartazes. A chamada pública aos artistas foi espontânea e horizontal, sem uma topografia de liderança determinada. O foco comum de demandas instaurou um sistema de rede entre indivíduos que nunca tinham trocado ideias até ali, instaurando um imaginário que desfez a ideia de individualismo generalizada entre a classe.

Agora somos mais de mil
21 de maio – 26 de junho de 2016

≡▲▼

≡▲▼

O segundo exemplo é um vídeo intitulado *Montão de coisa* produzido por alunos da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, a primeira escola de audiovisual da Baixada Fluminense e cuja metodologia articula três conceitos – o corpo, a palavra e o território –, como elementos de expressão da imagem e do som. O vídeo mostra basicamente um movimento coletivo de corpos de adolescentes apropriando-se de uma cidade que habitualmente não nos é dada a ver, e expondo uma coreografia como uma possibilidade de criação de relações afetivas e políticas a partir do espaço e não a partir da metáfora.

LL: Se arte não se ensina, liberdade menos ainda. Na tua pesquisa que remonta à implantação da EAV nos anos 1970, você conseguiu localizar pontos de comparação com o momento que o país está atravessando e estabelecer relações com o tipo de produção dos artistas que estavam no seu curso?

MM: Essa pergunta é muito necessária e esse *back to basics* foi “estratégico” para o curso que dei e para a exposição, mas gostaria de ressaltar que o que fazemos em curadoria são apenas aproximações e tentativas provisórias. Manuais definitivos para compreender momentos específicos são perigosos tanto em política quanto em estética. Portanto, essa necessidade de voltar aos anos 1960-70 é mais um movimento “imaginário”, que procura mobilizar percepções, imagens e desejos com significados transitórios e abertos, do que um *statement curatorial*. Explico: não me interessa, no movimento de olhar o passado, um “acerto de contas” da história, mas sim procurar gestos e imagens que se solidarizam. Algumas dessas imagens são recentes; outras coincidem com momentos mais antigos. Nesse sentido, meu diálogo não se dá exclusivamente com os artistas da minha geração, e talvez não me sinta no dever de representá-los do mesmo modo que outros curadores operam.

LL: Qual foi o ponto de partida desse projeto, então?

MM: Eu tinha em mente uma imagem que era a de Artur Barrio soltando rolos de papel higiênico em 1970-71, em Belo Horizonte, e no Aterro do Flamengo, no Rio, mas também no Parque Lage, aglomerando algumas pessoas de forma lúdica e com acompanhamento musical. Esses registros me fizeram automaticamente lembrar uma “Bastilha imaginária”, expressão que Didi-Huberman usa para referir-se a *Zéro de Conduite*, de Jean Vigo (que também se passa numa escola), já que ambos os casos são cheios de futuro, misto de revolução e ternura, em que a alegria funciona de um modo espacial e mobilizador.

Para além de Barrio, pesquisei, junto com Ulisses Carrilho, outros artistas e professores da EAV que intervieram artisticamente no Parque Lage por meio de gestos puramente simbólicos, nos quais a questão da produção cede lugar ao sentido ritual. Por exemplo, Katie van Scherpenberg “planta” um jardim

todo de pigmento natural vermelho em 1986, e refere-se a uma “paisagem nunca vista”; Celeida Tostes realiza *Passagem*, em 1979, um ritual no qual “habita” a sua cerâmica como um ovo, relatando a experiência como um momento em que “a história já não existia mais”.

LL: Como funcionavam as aulas que você deu no programa Curador Visitante? Você usou alguma metodologia radical?

MM: Eu trouxe diversas questões sobre a natureza do objeto de arte, problematizando alguns sentidos existencialistas da filosofia (por que o homem não se reconhece fora da produção, do desejo, do querer e do fazer?), e notei que as propostas dos artistas-estudantes da exposição apresentam um denominador comum no entendimento de que o mistério da experiência se encontra no processo. Essas propostas encarnam uma resposta “absoluta” e “viva” ao estado a que chegamos, no Brasil e no mundo. Ana Emerich coloca cordas descartadas de instrumentos sinfônicos nas árvores da Mata Atlântica; Victor Martelo interfere, de forma efêmera, na arquitetura do pátio da piscina criando uma espécie de “célula” de habitar; Rodrigo Quintanilha recupera a ideia de “rádio livre”, de Felix Guattari e monta um atlas visual de ondas sonoras; Maria Sabato burla a ideia de ensino, lazer e trabalho e convida para uma lavagem coletiva dos carros do estacionamento da escola; Yan Braz não terá nenhum objeto em exposição, mas estará presente no dia da abertura, pois iniciará uma caminhada intitulada *#verocaminho*, pelo interior de Minas.

Não tenho certeza se conseguirei estabelecer relações entre a produção dos artistas pós-golpe civil militar e os artistas da escola hoje, mas aquilo que se procurou foi mapear alguns conceitos (“arte menor” de Deleuze e Guattari foi um deles) que nos permitissem retomar a questão política de uma maneira que simultaneamente evita recair nas armadilhas de uma arte engajada dos anos 60/70 e preserva a insistência na arte como experiência, como “liberdade livre”. Ao contrário de algumas vozes que insistem em descrever a arte contemporânea como alienada do seu tempo, sinto que os artistas continuam absolutamente implicados, com os seus corpos e com as suas ideias, na construção cívica da política e na defesa de espaços de liberdade. Ana Matheus Abbade, artista que ao longo do curso alterou seu nome civil (Matheus Ana), traz um vídeo em que vemos peixes-voadores numa “dupla luta”, tentando escapar de predadores na água e no ar.

LL: Antes do Parque Lage, você já havia dado aula?

MM: Lecionei em contexto universitário, em seminários na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, e enquanto estive como curadora assistente no MAM-Rio ajudei a organizar cursos públicos com foco em psicanálise. De um modo geral, a experiência de dar aula agrada-me muito porque pode ampliar aquilo que já sei, ou penso que

sei. Mas existe um aspecto em sala de aula que é estimulante e que é uma electricidade própria, advinda de uma energia do encontro de pessoas diferentes entre si. Distintamente de uma exposição, uma aula é muito menos controlada, o tédio de uns pode ser o interesse de outros, mas sua dinâmica é intensificada especialmente pela linguagem, o que a torna um espaço propício ao comprometimento e à construção. No Parque Lage, foi uma experiência fundamental, um “fora de campo” relativo aos protocolos da curadoria tradicional que se exerce em museus ou por meio de uma coleção. Era um grupo heterogêneo, vindo de diferentes pontos geográficos da cidade, entrecruzando periferias, Centro e Zona Sul, além de alguns estudantes do exterior. Meu contato com eles fez-me sentir como Ricardo Basbaum e Alexandre Dacosta no vídeo *Egoclip* (1985): “descobrimdo novas linhas de ônibus”. Ou seja, foram novas camadas críticas que refutaram as ideias preliminares da exposição.

“Agora somos mais de mil” vem de uma percepção daquilo que chamaríamos de “potência do estudante”, um gesto de insubordinação e levante. Estou me referindo a uma qualidade que vai além do entendimento de um processo historicamente construído e relativo ao artístico, que poderíamos localizar na arte acadêmica e moderna, onde existiam modelos patriarcais e a figura do aprendiz copiando o mestre.

Esta exposição transcende ainda a mítica bandeira da “imaginação ao poder”, dos estudantes de Maio 68. As participações de Pedro França, Daniel Jablonski e Fábio Tremonte, nomeadamente um conjunto de estruturas assemelhando-se a uma multidão que ocupa a frente das Cavalariças, uma “aula sem fim” que condensará o que seria o programa de um semestre da EAV em um só dia, e as bandeiras vermelhas dispostas ao redor da piscina proclamando “trabalhar cansa”, conectam tais propostas à noção de “potência do estudante”.

Mas o título tem ainda outras relações, entre as quais com o cinema. É adaptado de uma carta de Ventura, o pedreiro cabo-verdiano de *Juventude em marcha* do cineasta português Pedro Costa. O filme é uma crônica de um tempo em transformação, e Ventura é um símbolo de uma classe que não existe mais (a classe operária). Ventura trabalhou na construção do Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa, onde estão expostos grandes nomes da arte ocidental, tais como Rubens e Monet, que ele nunca viu. É ainda um título com uma aliteração poética, em que o advérbio “agora” joga um sentido narrativo importante, que nos faz pensar no momento presente e nos projeta numa dimensão indefinida de futuro, na qual seremos muitos.

Agora somos mais de mil
21 de maio – 26 de junho de 2016

≡▲▼

≡▲▼

≡▲▼

≡▲▼

21 de maio, sábado

15h às 19h
Ação: *Vigas, série Prolongamentos*, de Victor Monteiro
Local: Pátio da piscina - Parque Lage
15h
Ação: *#verocaminho*, de Yan Braz
O artista percorre 200km a pé, da cidade de Tombos (MG) até o Pico da Bandeira, divisa entre os estados de MG e ES, onde uma bandeira é levantada. Imagens do percurso podem ser acessadas na hashtag *#verocaminho*, via Instagram.
16h
Ação: *Republico (Estratégia 1)*, de Bia Martins e Jeferson Andrade
Local: Palacete - Parque Lage
17h
Ação: *Lavagem integral*, de Maria Sabato
Local: Estacionamento - Parque Lage

1 de junho, quarta-feira – 17h às 19h.
Conversa na exposição. Com Marta Mestre, curadora visitante, Ulisses Carrilho, curador assistente, e Maya Inbar, coordenadora do Programa Educativo da EAV Parque Lage
Local: Cavalariças - Parque Lage

≡▲▼

2 de junho, quinta-feira – 19h às 21h
Conversa entre a curadora visitante Marta Mestre e Lisette Lagnado, diretora da EAV Parque Lage. Com a participação da artista Katie van Scherpenberg, do curador assistente Ulisses Carrilho e performance da artista Leandra Espírito Santo
Local: Salão Nobre - Parque Lage

≡▲▼

10 e 11 de junho, de sexta-feira às 20h até sábado às 16h
Aula aberta “Não deixe o artista virar professor”
Daniel Jablonski, artista e professor da EAV Parque Lage
Local: Auditório - Parque Lage

≡▲▼

24 de junho, sexta-feira – 15h
Aula aberta para fabricação da *Micro jangada de pet*
Paulo Paes, artista
Local: Cavalariças – Parque Lage

20h às 22h
Projeção dos filmes *Zero de conduta* (1933), de Jean Vigo, *Cristo vermelho* (2001), de Ducha; e *Montão de coisa* (2014), da Escola de Cinema de Nova Iguaçu, realizado pelas turmas de Videoarte para Jovens em Austin e Nova Iguaçu

Cine Lage seguido de debate com Marta Mestre, curadora visitante, Lisette Lagnado, diretora da EAV Parque Lage e Diego Bion, da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu
Local: Pátio da piscina - Parque Lage

≡▲▼

INTERVENÇÕES EXTERNAS

Ana Emerich
Scordatura #4 [o que soa latente], 2016
Scordatura, mudar uma afinação padrão, demorar-se com o corpo, morar. Mais de cem cordas, descartadas de instrumentos sinfônicos, propondo uma escuta visual das vozes, gestos e memórias sonoras do Palacete e da mata.
Local: Área verde - Parque Lage

Anitta Boa Vida
Um microfone na Torre, 2016
Local: Torre - Parque Lage

Jorge Menna Barreto
*Desleitura*s, 2011
Trabalhos semanalmente remanejados no espaço, em ação articulada pela equipe pedagógica da EAV Parque Lage.

CURADOR
VISITANTE

Curador Visitante é um programa de exposições elaborado em 2015 na forma de curso livre. Oferecido aos estudantes da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, tem como objetivo reforçar o diálogo da principal instituição de ensino das artes da cidade com a comunidade artística e participar de sua agenda cultural de forma propositiva.

Núcleo fundamental do novo projeto de formação gratuita – Práticas Artísticas Contemporâneas (PAC) –, o programa permite aproximar a produção interna da EAV de críticos e escritores em atividade, estimulando possibilidades de trocas. Acredita-se na convivência de várias gerações para multiplicar o alcance social da escola.

Cada curador visitante é chamado a apresentar sua pesquisa atual e a ministrar um seminário de 40 horas, ao longo do qual orienta estudantes cujos projetos são convergentes com seu escopo de trabalho, tendo ainda a tarefa de incluir, no mínimo, cinco deles na sua exposição. Assim, a EAV assume uma etapa importante na formação de artistas: a responsabilidade de sua futura inserção institucional.

Estruturado como laboratório, o programa amplia a visibilidade de jovens curadores, convidando-os a usar uma escola de artes como campo experimental, sem preocupações com demandas de mercado, e a fazer parte de seu corpo docente.

As exposições acontecem em espaços de natureza diversa, Cavalariças, Capela, Gruta, Torre e área verde, entre outros locais protegidos, tendo de absorver as especificidades históricas do complexo arquitetônico e paisagístico, onde funciona a EAV desde 1975.

Curadores visitantes em 2016:
Daniela Labra,* Marta Mestre,* Beatriz Lemos, Santiago García Navarro, Gabriel Bogossian.

* Exposições de 2015, adiadas para o primeiro semestre de 2016.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

[Rio de Janeiro State Government]

Governador [Governor]

Luiz Fernando Pezão

Vice-Governador

[Lieutenant Governor]

Francisco Dornelles

Secretaria de Estado de Cultura

[Rio de Janeiro State Culture Secretariat]

Secretária de Estado de Cultura

[State Secretary of Culture]

Eva Doris Rosental

Subsecretária de Relações Institucionais

[Undersecretary of Institutional Affairs]

Olga Campista

Subsecretário de Planejamento e Gestão

[Undersecretary of Planning and Management]

José Elano de Assis Júnior

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Diretora [Director]

Lisette Lagnado

Comissão de Ensino

[Teaching Committee]

Cadu

Daniel Jablonski

Fernando Cocchiarale

Roberto Conduru

Coordenadora Executiva de Projetos e Eventos

[Projects and Events Executive Coordinator]

Rosa Melo

Produção

[Production]

Livia Ferraz

Renan Lima

Supervisor de Captação de Recursos

[Fundraising Supervisor]

Naldo Turl

Biblioteca [Library] | Centro de Documentação e Pesquisa

[Centre of Documentation and Research]

Curadora Residente [Resident Curator]

Beatriz Lemos

Assistente [Assistant]

Rubia Luiza da Silva

EXPOSIÇÃO [EXHIBITION]

Curadoria [Curator]

Marta Mestre

Curador Assistente

[Assistant Curator]

Ulisses Carrilho

Produtora de Montagem

[Installation Producer]

Carolina Bitencourt

Programa Educativo [Education Program]

Coordenadora de Pesquisa e Formação

[Research and Training Coordinator]

Maya Inbar

Design Gráfico [Graphic Designer]

Roberto Unterladstaetter

Fotografia [Photographer]

Pedro Agilson

Impressões Fotográficas [Prints of Photographs]

Barracão de Imagens Ltda

Revisão de Texto [Proofreader]

Rosalina Gouveia

Tradução [Translator]

Rebecca Atkinson

Sinalização [Signage]

Buritis Design

Gouvêa Artes

Produção Gráfica [Print Production]

Sidnei Balbino

Iluminação [Lighting]

Rogério Emerson Magalhães

Montagem [Exhibition Assembly]

Rafael Corrêa

Robson Affini

Equipe de Restauro e Manutenção dos Espaços Expositivos

[Restoration and Maintenance of Exhibition Spaces]

Jorge Monteiro

Madeira

Rogério Lira da Silva

Vitor Santos

Eletricista [Electrician]

Homero Gomes

Cenotécnico

[Exhibition Furniture Production]

Humberto Silva

Agradecimentos

[Acknowledgements]

Os curadores e a EAV Parque Lage agradecem a todos que tornaram possível a realização desta exposição:

[The curators and EAV Parque Lage wish to thank everyone who has made this exhibition possible]:

Artur Fidalgo, Camila Goulart, Carlos Vergara, Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, Frederico Moraes, Gabriel Republicano, Instituto Inhotim, Instituto Moreira Salles, João Vergara, Laura Lima, Luiz Aquila, Marina Dalgalarrodo, Paloma Rocha, Paulo Branquinho, Paulo Tavares, Projeto Hélio Oiticica, Raquel Silva, Ricardo Pitanga, Sabina Matz, Stefania Paiva



SECRETARIA
DE CULTURA



oca Lage



Ministério da
Cultura



PERTO DE VOCÊ

Gestão CFB/EAV
[Management CFB/EAV]

Patrocínio
[Sponsorship]

Realização
[Realization]